

## ECOLINGUÍSTICA: POSSÍVEIS CONEXÕES, CAMINHOS E PERSPECTIVAS

---

Erick Samuel Silva Thomas (UFG/NELIM/CAPES)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM/CNPq)

**Abstract:** The aim of this article is to discuss possible connections between Ecolinguistics and Enunciative Linguistic Analysis (ELA), proposed by Sinval Martins de Sousa Filho and Sirleide de Almeida Lima. Initially, Ecolinguistics was defined as the study of the relationships between language and the environment. A little later, it was redefined as the study of interactions that occur within the linguistic ecosystem, which, as an integral ecosystem of language, includes the natural, mental and social ecosystems. ELA is a Brazilian proposal designed to be used in language teaching and learning processes. As in Ecolinguistics, the foundations of ELA are based on the concept of language as interaction and as an activity that constitutes thought and knowledge, and on the possibility of a grammar of meanings. This is a qualitative interpretive research that prioritizes the understanding and interpretation of social phenomena. In addition, we conducted a bibliographical research, revisiting and analyzing relevant studies in the areas of Ecolinguistics and Linguistic Analysis. The main theoretical references are Couto (2007), Couto; Couto; Borges (2015), Lima; Sousa Filho (2023) among others.

**Key-words:** Language as interaction; Ecolinguistics; ELA; Multimethodology.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir possíveis conexões entre a Ecolinguística e a Análise Linguística Enunciativa (ALE), proposta por Sinval Martins de Sousa Filho e Sirleide de Almeida Lima. Inicialmente, a Ecolinguística foi definida como estudo das relações entre língua e meio ambiente. Pouco mais tarde, ela foi redefinida como o estudo das interações que se dão no seio do ecossistema linguístico que, como ecossistema integral da língua, compreende o ecossistema natural, o mental e o social. A ALE é uma proposta brasileira pensada para ser utilizada nos processos de ensino-aprendizagem de línguas. Como na Ecolinguística, as bases da ALE partem

da concepção de linguagem como interação e como atividade constitutiva do pensamento e do conhecimento e da possibilidade de uma gramática das significações. Trata-se de uma pesquisa qualitativa interpretativista, que privilegia a compreensão e interpretação dos fenômenos sociais. Além disso, realizamos uma pesquisa bibliográfica, revisitando e analisando estudos relevantes nas áreas da Ecolinguística e da Análise Linguística. As principais referências teóricas são Couto (2007), Couto; Couto; Borges (2015), Lima; Sousa Filho (2023) entre outros.

**Palavras-Chave:** Língua como interação; Ecolinguística; ALE; Multimetodologia.

### Introdução

Em seu *Curso de Linguística Geral*, publicado postumamente, Ferdinand de Saussure afirma que a linguagem é multiforme e heteróclita, pois apresenta inúmeras facetas (SAUSSURE, 2012). É importante destacar que a análise linguística é uma área de estudos com inúmeras definições, provenientes de diversas abordagens teóricas. É nesse ambiente de debates e reflexões sobre a relação entre língua, linguagem, análise e descrição que propomos este trabalho, relacionando os pressupostos teóricos da Ecolinguística aos princípios da Análise Linguística Enunciativa (ALE), proposta por Sinval Martins de Sousa Filho e Sirleide de Almeida Lima.

A ALE surgiu a partir dos estudos da Análise Linguística, proposta teórico-metodológica elaborada na década de 1970 e disseminada no Brasil a partir de documentos oficiais do currículo educacional da década de 1990 (LIMA; SOUSA FILHO, 2023). A Análise Linguística se utiliza dos estudos de Carlos Franchi sobre linguagem, criatividade e gramática (FRANCHI, 1987). Esses estudos são interpretados e ressignificados a partir de conceitos dialógicos formulados por Bakhtin. A teoria dialógica e os estudos franchianos se interseccionam mediante a adoção do princípio de linguagem como atividade, como defendido por Wilhelm von Humboldt.

As bases da ALE partem da concepção de linguagem como interação e como atividade constitutiva do pensamento e do conhecimento e da possibilidade de uma gramática das significações. Essa abordagem revisita diversas concepções de linguagem a partir do pensamento franchiano e das considerações bakhtinianas. Por ser influenciada pela tradição humboldtiana inclui o tratamento dado ao estritamente gramatical, que se apresenta como um importante desafio, deixado para um *a posteriori* da atividade linguística (LIMA; SOUSA FILHO, 2023).

Einar Haugen, no início da década de 1970, desenvolveu um estudo pioneiro com o objetivo de relacionar linguagem e meio ambiente (HAUGEN, 2016). No entanto, esse estudo difere do foco atual dos estudos ecolinguísticos. Couto (2007) definiu Ecolinguística, inicialmente, como sendo o estudo das relações entre linguagem e meio ambiente. Essa definição evoluiu para

incluir o estudo das interações dentro do ecossistema linguístico, que é triplo, compreendendo os ecossistemas natural, mental e social, além do integral, que abrange os três (COUTO; COUTO; BORGES, 2015). Em 2011, surgiu a Linguística Ecolinguística (LE), proposta por pesquisadores do eixo Brasília-Goiânia. Para este trabalho, manteremos o termo Ecolinguística, em vez de Linguística Ecolinguística.

Este artigo busca apresentar um estudo no campo dos estudos ecolinguísticos e linguísticos, abordando questões relacionadas aos processos de linguagem e ensino-aprendizagem de línguas, relacionando os princípios da Análise Linguística Enunciativa aos pressupostos teóricos da Ecolinguística, buscando evidenciar um possível diálogo entre as duas teorias. Acreditamos que esse diálogo possa nos auxiliar no entendimento dos processos linguísticos em geral e em sua aplicação no ensino-aprendizagem.

Iniciamos com uma discussão detalhada sobre a metodologia e os procedimentos adotados, além do percurso teórico que orientou a elaboração do estudo. Essa seção inicial é fundamental para compreendermos a base sobre a qual a pesquisa foi construída, revelando as teorias e métodos escolhidos para a análise dos dados. Em seguida, abordamos as duas perspectivas emergentes nos estudos linguísticos aqui em causa, a Ecolinguística e a ALE. Essas abordagens têm causado um impacto significativo na forma como entendemos e analisamos a linguagem, trazendo à tona questões inovadoras e desafiadoras.

Por fim, apresentamos as considerações finais, destacando os principais achados e suas implicações. Também discutimos as possibilidades de novas pesquisas, sugerindo caminhos e questionamentos que possam ser explorados em estudos futuros, contribuindo, cremos, para o contínuo avanço dos estudos das duas áreas.

### **Metodologia**

Couto (2018) comenta que as novas abordagens em qualquer área do conhecimento confrontam-se com a seguinte questão: Qual é a metodologia adotada para essa nova abordagem? Para responder a essa pergunta, a Ecolinguística utiliza a ecometodologia, que é uma multimetodologia, servindo como pano de fundo para o uso de outros procedimentos metodológicos. A ecometodologia é vista como o ponto de vista da cumeeira da casa, ou o topo da montanha de que fala o sociólogo Michael Löwy, de onde se pode ter uma visão do todo (COUTO,

2018). Nessa obra, o autor explora também o método da focalização de Garner (2004), que representa uma implementação e aperfeiçoamento da proposta inicial de Löwy (1985).

Löwy usou a metáfora do teto da casa, em contraste com a visão da janela, de quem está ligado a um aspecto específico do objeto investigado. Garner (2004) mostrou como esse procedimento pode ser aplicado ao estudo de fenômenos tanto da exoecologia (exterioridade da linguagem) quanto da endoecologia (interioridade da linguagem) linguística.

Garner (2004) propôs o que chamou de método da focalização. Ele implica em prestar atenção a um problema ou fenômeno no contexto em que ocorre. No exemplo de um filme, a câmera pode focalizar “a face de um ator para destacar uma expressão particular, mas, embora os outros elementos da cena estejam fora de foco, eles ainda fazem parte do pano de fundo essencial para entender a expressão” (GARNER, 2004, p. 202). Assim, mesmo que a face ocupe toda a tela por um tempo, excluindo o restante, a câmera pode recuar para abarcar o contexto maior.

A ecometodologia é de base empírica e dialética (COUTO, 2018). Ela normalmente começa pelo objeto de estudo (algo que já vinha sendo investigado sob alguma perspectiva teórica) e inclui um diálogo com o modelo teórico. No entanto, ela pode também partir do ponto de vista teórico, promovendo um diálogo entre teoria e empiria. Vale dizer, “seja qual for o ponto de partida, terá sempre em vista o outro. Não separa teoria de empiria, nem vai de uma à outra de modo mecanicamente unidirecional” (COUTO, 2018, p. 29).

Nós utilizamos também a pesquisa qualitativa, que responde a questões particulares, visto que ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Isto é, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e ideologias, correspondendo a um espaço muito mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, como ocorre nas pesquisas que fazem uso exclusivo da abordagem quantitativa.

Os cientistas que adotam a abordagem qualitativa opõem-se à ideia de um modelo único de pesquisa para todas as ciências, visto que as ciências sociais têm sua especificidade, pressupondo uma metodologia própria (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam “explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes

abordagens” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). Isso mostra mais uma vez as afinidades dessa metodologia com a multimetodologia da Ecolinguística.

### **A Ecolinguística e suas conexões, caminhos e perspectivas**

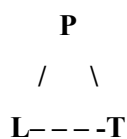
Ao delinear as bases teóricas e metodológicas da LE e da ALE, pretendemos oferecer uma compreensão abrangente de suas contribuições para o campo dos estudos linguísticos e argumentativos. Iniciamos esta discussão com a Ecolinguística, com a qual a ALE é comparada.

Como o nome sugere, e como já vimos, a Ecolinguística relaciona Ecologia e Linguística, duas ciências já relativamente bem estabelecidas no ambiente acadêmico. Na prática, a Ecolinguística estuda as relações entre língua e meio ambiente (COUTO, 2007).

Em relação à Ecologia, a maioria dos textos afirma que ela trata das relações entre organismos e seu meio ambiente. Podemos defini-la como a ciência das interações entre os organismos e o mundo externo que os envolve, englobando, de maneira geral, todas as condições de existência dos fenômenos da linguagem. Essas condições são em parte inorgânicas e em parte orgânicas ou superorgânicas. Tudo isso é importante para a vida e comportamento dos organismos, pois os força a se adaptar (COUTO, 2007).

Couto destaca a existência de diversos conceitos no interior da Ecologia, tais como ecossistema, inter-relações, adaptação, holismo, evolução, porosidade, diversidade e visão de longo prazo, entre outros. A Ecolinguística apresenta, inicialmente, o ecossistema integral da língua, que relaciona língua (L), povo (P) e território (T). Esse ecossistema é representado na figura a seguir.

**Figura 1 - Ecossistema integral da língua**

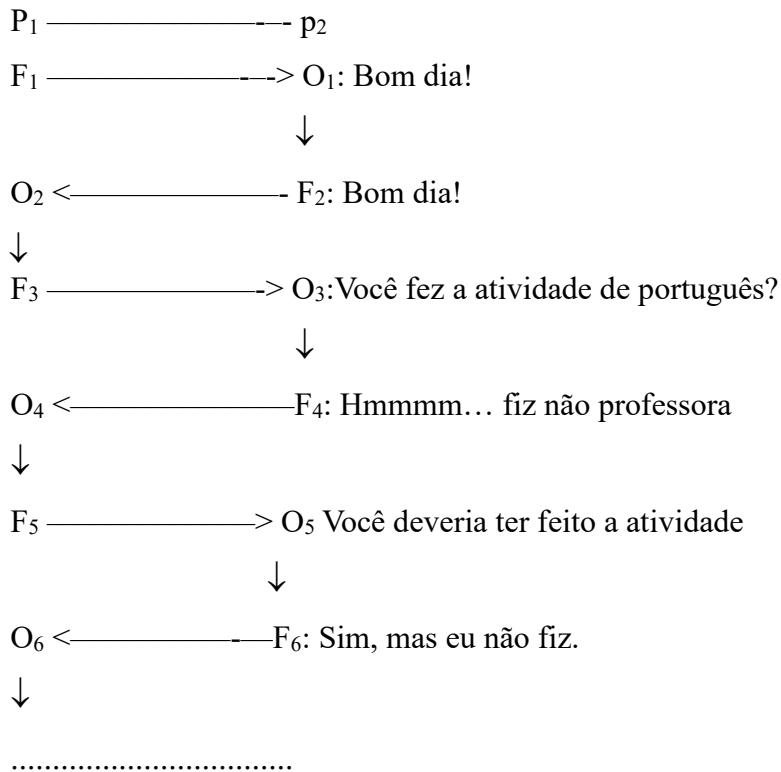


Outro conceito importante da Ecolinguística é a ecologia da interação comunicativa (EIC), destinada a investigar os eventos e significados que emergem entre os indivíduos em diversos ecossistemas, mediante o que passou a ser chamado fluxo interlocucional, de que há um exemplo mais abaixo. A EIC é composta pelos seguintes elementos: um falante, um ouvinte, um assunto de discussão, um conjunto de hábitos interacionais denominados regras interacionais (que incluem as regras sistêmicas) e um cenário. Ao discutirmos interação comunicativa, destacamos que ela se

## ECO-REBEL

caracteriza por uma alternância entre a solicitação de uma pessoa (p<sub>1</sub>) da população e o atendimento (ou satisfação) dessa solicitação por outra (p<sub>2</sub>). Esse processo ocorre por meio de um fluxo interlocucional. Nota-se também que o fluxo se desenvolve em espiral, não linearmente, e é governado pelas regras interacionais, das quais as regras sistêmicas fazem parte. As regras sistêmicas (gramática) são parte das regras interacionais porque também elas existem para o entendimento entre p<sub>1</sub> e p<sub>2</sub>.

**Figura 1 - Ecossistema integral da língua**



Além da EIC, é importante destacar os conceitos de comunidade de língua (CL) e comunidade de fala (CF), no interior da qual se dão prototipicamente os diálogos (interloquções). O conceito de comunidade de fala é um dos mais importantes e profícuos da Ecolinguística. Embora a CF não exista independentemente da CL, ela tem uma certa precedência prática sobre a CL. Tanto CL quanto CF são ecossistemas linguísticos. No entanto, a CF é delimitada pelo investigador, de forma semelhante ao que ocorre com o ecossistema biológico, que é delimitado pelo ecólogo, ao passo que a CL independe dele, como é o caso do domínio da CL portuguesa

## ECO-REBEL

(Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste), que é semelhante ao ecossistema chamado bioma, também independente do ecólogo.

Uma vez delimitada, a CF permite um tratamento científico preciso. Nesse contexto, o pesquisador deve considerá-la de forma holística, sem deixar de lado nenhum de seus componentes, características e especificidades. Tanto a CL quanto a CF podem ser vistas da perspectiva do ecossistema integral da língua. A CF é constituída por um território geralmente pequeno, onde os atos de interação comunicativa entre seus membros ocorrem com relativa frequência e harmonia; é o ecossistema linguístico visto da perspectiva dos atos de interação comunicativa. Por outro lado, a CL é o ecossistema linguístico observado da perspectiva do sistema, das regras gramaticais e das normas estabelecidas por políticas linguísticas em torno da língua.

Deve ter ficado claro que a Ecolinguística não se interessa apenas pelo aspecto social da linguagem, como fazem outras disciplinas. Ela segue um trajeto que pode começar pelo lado natural, o ecossistema natural, passando pelo mental, até chegar ao ecossistema social. Reconhecer esses três ecossistemas não significa que a Ecolinguística não possa focar em apenas um deles, o que ela faz mediante a ecometodologia vista acima. No entanto, mesmo quando faz isso, o praticante tem consciência de que tal recorte é feito por necessidades operatórias, pois essa abordagem considera seu objeto de estudo de maneira holística. Para a Ecolinguística, a língua não é apenas um fenômeno social, mental ou natural; ela é biopsicossocial.

A Ecolinguística faz uso ainda de conceitos ecológicos como porosidade, diversidade, adaptação e evolução. Segundo Couto (2012), uma característica importante de todo ecossistema é a porosidade, uma vez que ele não possui fronteiras claramente delimitadas. Pelo contrário, existe um continuum, pois, como tudo no mundo, está de alguma forma interconectado. Os ecossistemas se sobrepõem, permitindo migrações de organismos entre eles, tornando difícil, senão impossível, determinar onde um ecossistema termina e outro começa.

Outro conceito importante é o de diversidade. Cada ser vivo tem um papel na grande teia da vida, mesmo que ainda não conheçamos sua importância específica. Quanto mais complexo e diversificado for um ecossistema, mais estável ele será e menos suscetível de desaparecer (COUTO, 2012). A adaptação é a capacidade de conviver em harmonia com meio ambiente e seus componentes. Adaptar-se implica flexibilidade e tolerância. Por fim, a adaptação resulta em mudanças, que, por sua vez, levam à evolução. Adaptar-se é evoluir e evoluir é adaptar-se. A

## ECO-REBEL

evolução ecológica ocorre ciclicamente, assim como outros processos naturais, como as alternâncias entre noite e dia, as estações do ano e o ritmo biológico dos organismos. Até mesmo na cultura e na linguagem as mudanças seguem um padrão cíclico (COUTO; FERNANDES, 2021).

Ao tratar da interação comunicativa, é importante destacar três níveis distintos: a interação comunicativa face a face, a interação comunicativa virtual (*online*) e a interação comunicativa potencial. No quadro a seguir, apresentamos uma explicação detalhada desses tipos de interação.

**Quadro 3. Tipos de interação comunicativa**

Aspectos da interação comunicativa	Tipos de interação comunicativa		
	Face a Face	Virtual	Potencial
Interactantes	Falantes Presentes	Falante-Interlocutor	Escritor/ leitor Potencial
Tempo	Sincrônico	Sincrônico/ Assincrônico	Assincrônico
Espaço	Território, espaço em que os indivíduos se encontram	Território, espaço virtual	Território, espaço potencial

Fonte: Couto e Fernandes (2021)

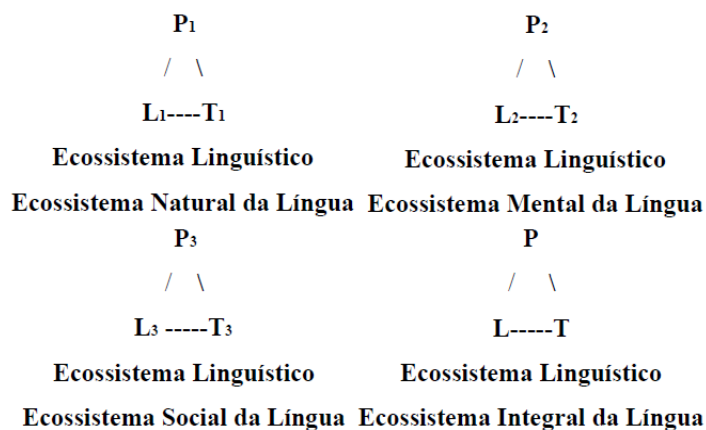
Ao comentar as três dimensões dos três ecossistemas linguísticos, Couto & Fernandes (2021) se referem ao ambiente complexo que inclui toda a natureza e os seres que nela habitam, incluindo o ser humano. Os ambientes naturais não são apenas “naturais” (o que se chama natureza), mas incluem também ambientes construídos, como cidades e outras construções humanas (COUTO; FERNANDES, 2021).

O ecossistema mental abrange o cérebro, a mente e o corpo, sendo a habilidade interior de cada ser humano e tudo o que ocorre nesse âmbito. A língua, como fenômeno mental, relaciona-se com o cérebro e a mente, formando o ecossistema mental. A mente é constituída pelas interações mentais, enquanto o cérebro serve como o local, o *locus* dessas interações. O ecossistema mental da língua é o ambiente onde ela é formada, armazenada e processada (COUTO; COUTO; BORGES, 2015).

O ecossistema social é composto por indivíduos que interagem em um meio coletivo, assumindo diversos papéis sociais. Essas interações configuram a linguagem como um fenômeno social e histórico. É importante notar que esses ecossistemas não existem de forma independente.

Ao contrário, eles interagem entre si, constituindo o ecossistema integral da língua. Esses ecossistemas promovem interações mútuas, convivendo de forma integrada e harmoniosa. A figura a seguir ilustra o tripé teórico-conceitual que representa os três ecossistemas. Os índices numéricos indicam a precedência formativa entre eles. O ecossistema integral não contém índices porque é geral, inclui os outros três.

**Figura 4. Ecossistemas linguísticos**



Fonte: Couto (2015)

É para o ecossistema integral da língua que os outros ecossistemas confluem, revelando a visão holística que a Ecolinguística tem da língua. Nesse sentido, o ecossistema integral da língua pode ser entendido, genericamente, como uma comunidade, de língua ou de fala, permitindo ao pesquisador determinar qual é o ecossistema linguístico com o qual deseja trabalhar. Dessa forma, sempre que a língua for analisada de modo global e holístico, estaremos tratando da comunidade de língua. Sempre que tratarmos de pequenas comunidades delimitadas pelo pesquisador, estaremos lidando com a comunidade de fala.

Passemos à Análise Linguística Enunciativa (ALE), desenvolvida por Lima & Sousa Filho (2023). Inicialmente, a ALE surge através dos estudos da Análise Linguística, que se configura como uma proposta teórico-metodológica que foi elaborada na década de 1970 e disseminada no Brasil a partir de documentos oficiais do currículo educacional da década de 1990 (LIMA; SOUSA FILHO, 2023). A Análise Linguística utiliza os estudos de Carlos Franchi sobre linguagem, criatividade e gramática. Esses estudos são interpretados e ressignificados a partir das noções dialógicas formuladas pelos estudos bakhtinianos sobre linguagem e interação. A teoria dialógica

e os estudos franchianos adotam ainda o princípio de linguagem como atividade, formulado por Wilhelm von Humboldt.

A ALE é uma proposta teórico-metodológica brasileira pensada para ser utilizada nos processos de ensino-aprendizagem de línguas. As bases da ALE partem da concepção de linguagem como interação e como atividade constitutiva do pensamento e do conhecimento e da possibilidade de uma gramática das significações (LIMA; SOUSA FILHO, 2023), mostrando sua concordância com os princípios da Ecolinguística. Essa abordagem revisita diversas concepções de linguagem a partir do pensamento franchiano e das considerações bakhtinianas. Além disso, a ALE demonstra como seus estudos são influenciados pela tradição humboldtiana, que inclui o tratamento dado ao aspecto estritamente gramatical que se apresenta como um importante desafio, deixado para um *a posteriori* da atividade linguística (LIMA; SOUSA FILHO, 2023).

Nesse contexto, vale ressaltar o engajamento do linguista Carlos Franchi por seu compromisso com o rigor científico e sua ampla análise crítica das teorias linguísticas. Conforme observado por Simão (2020, p. 9), os estudos de Franchi foram fundamentados em relações conceituais com diversos pensadores, como Wilhelm von Humboldt, Mario Bunge, Jean Piaget, Antoine Culioli, Jean Cavallès, Simon Schwartzman e Sebastian Shaumyan (LIMA; SOUSA FILHO, 2023). Para discutir a visão de linguagem proposta por Franchi, mencionamos algumas perspectivas que ele não adotou em seu texto *Linguagem: Atividade Constitutiva*. Franchi (2002, p. 37), em nota preliminar, explica que este trabalho foi construído como uma compilação de trechos da introdução de sua tese de doutorado sob o título de *Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem*<sup>1</sup>.

Em sua tese, Franchi (2002, p. 38) se posiciona contra a visão reducionista da “concepção institucional da linguagem” defendida por Saussure, criticando o foco restrito à língua, que impede o pesquisador de ir além das regularidades impostas por convenções específicas e por um normativismo externo. Isso, segundo Franchi, resulta no “esvaziamento da própria ‘linguagem’” (FRANCHI, 2002, p. 38-39). Seguindo essa linha de rejeição, ele também não adota a perspectiva behaviorista de Bloomfield, que trata a linguagem como mero comportamento externo. Franchi argumenta que essa abordagem é limitada, pois reduz a linguagem a processos sistemáticos de segmentação e classificação em busca de regularidades (LIMA; SOUSA FILHO, 2023).

---

<sup>1</sup> defendida em 1976 sob a orientação de Marcelo Dascal

## ECO-REBEL

Em síntese, ao traçar um panorama das abordagens que rejeita, Franchi (2002) busca estabelecer uma concepção de linguagem que contemple tanto as regularidades quanto as inconstâncias, devido ao caráter dinâmico e criativo da linguagem humana. Ele demonstra especial interesse neste último aspecto, valorizando o papel criador da linguagem no processo de construção de nossas experiências. Nesse contexto, Franchi defende a ideia de que a linguagem abre espaço para a expressão criativa, mesmo em meio às regularidades da língua (FRANCHI, 2002).

O ensino da gramática na escola sempre ocupou um lugar de destaque, seja como objetivo central no ensino de língua portuguesa, seja como tema de reflexões sobre as práticas pedagógicas. Nos anos 1980, emergiu um diálogo importante que impulsionou uma revisão dos métodos e objetivos no ensino de língua portuguesa, influenciado pelo acesso a novos paradigmas das ciências da linguagem e teorias do conhecimento (LIMA; SOUSA FILHO, 2023).

Os trabalhos de Franchi (2002; 1987) e Geraldi (2011; 1997) tiveram papel relevante na construção da epistemologia teórico-metodológica da Análise Linguística Enunciativa no campo educacional. Segundo Bezerra & Reinado (2020, p. 18, *apud* LIMA; SOUSA FILHO, 2023), a Análise Linguística “[...] assume um status teórico-metodológico: teórico, porque constitui um conceito que remete a uma forma de observar dados da língua, apoiada em uma teoria; metodológico, porque é utilizado na sala de aula como um recurso para o ensino reflexivo da escrita”.

A procura por mudanças educacionais levou a uma reavaliação das práticas pedagógicas no ensino de língua portuguesa, com foco na língua em uso. Isso promoveu a abordagem da língua como parte de um evento enunciativo, buscando ampliar a competência comunicativa dos alunos por meio da reflexão sobre a língua e a revisão dessas reflexões em suas práticas linguísticas, com o objetivo de formar cidadãos mais engajados socialmente. Nesse cenário, o ensino prescritivo tradicional da língua tende a perder sua centralidade (LIMA; SOUSA FILHO, 2023).

A Análise Linguística Enunciativa é projetada para abordar questões enunciativo-discursivas e, dessa forma, considera a gramática como um estudo das condições linguísticas que possibilitam a produção de significados. O aspecto puramente gramatical está situado dentro e ao redor da enunciação, sendo por meio dela que se torna possível analisá-lo na Análise Linguística Enunciativa, em consonância com as ideias de Franchi (1987; 2002), Bakhtin (2010) e seu círculo.

Como a Ecolinguística, que vê também nas questões gramaticais recursos para o falante dizer ao ouvinte o que quer dizer.

O estudo dessas disciplinas, emergentes nos estudos linguísticos, revela uma riqueza de princípios que, à primeira vista, podem parecer distintos, mas, na realidade, apresentam caminhos, perspectivas e conexões entre si. Ao examinarmos os princípios apresentados neste artigo que aborda essas áreas inovadoras, é possível identificar uma interconexão que enriquece nossa compreensão do fenômeno linguístico de forma abrangente.

Essas disciplinas, embora abordem aspectos variados da linguagem e da comunicação, frequentemente compartilham fundamentos teóricos e metodológicos que estabelecem uma base comum. As perspectivas oferecidas por essas áreas não só ampliam nosso horizonte de pesquisa, mas também proporcionam uma visão mais integrada dos fenômenos linguísticos e ecolinguísticos. A interdisciplinaridade dessas disciplinas permite uma abordagem mais holística, onde as teorias e metodologias interagem e se complementam, gerando novas formas de entender a complexidade da comunicação humana. Além disso, as conexões entre os princípios apresentados de cada abordagem revelam um panorama em que os *insights* obtidos em um campo podem informar e enriquecer o outro. Os conceitos da Ecolinguística podem ser investigados e relacionados aos conceitos propostos pela ALE e vice-versa. Essa sinergia não apenas fortalece a base teórica de cada disciplina, mas também promove um diálogo contínuo que favorece a inovação e o avanço dos estudos linguísticos.

Portanto, reconhecer as interconexões e perspectivas compartilhadas entre essas disciplinas é crucial para um avanço significativo na pesquisa linguística. Integrar os princípios e *insights* de diferentes áreas permite construir uma compreensão mais robusta e multifacetada da linguagem e da comunicação, refletindo a complexidade e a riqueza dos fenômenos linguísticos estudados.

### **Considerações finais**

Existem inter-relações substanciais e potenciais conexões teóricas entre as duas abordagens emergentes nos campos acadêmicos: a Ecolinguística e a Análise Linguística Enunciativa. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar que, apesar de suas origens e objetivos diferentes, essas áreas compartilham uma preocupação comum com a complexidade das interações humanas mediadas pela linguagem, seja em contextos ecolinguísticos ou em situações pedagógicas.

## ECO-REBEL

A Ecolinguística, enquanto campo de estudo, investiga as relações entre a língua e o meio ambiente (COUTO, 2007). Adicionalmente, ela examina as interações verbais dentro do ecossistema linguístico (COUTO; COUTO; BORGES, 2015) e nos contextos social, mental e natural, através da população. Por outro lado, a Análise Linguística Enunciativa, com seu foco no processo de análise de uma atividade dialógica, centra-se na construção de sentido e na coconstrução do conhecimento em interações comunicativas, destacando a importância do contexto e da colaboração entre os interlocutores, a comunhão (LIMA; SOUSA FILHO, 2023).

Este artigo não apenas propõe uma ponte entre essas duas áreas de estudo, mas também sugere que essa conexão pode abrir novos horizontes para a pesquisa interdisciplinar. Acredita-se que essa proposta pode inspirar novos debates e investigações que aprofundem a compreensão das complexas relações entre linguagem, linguística e ecologia. Ao identificar pontos de convergência e possíveis frentes de trabalho, este estudo pretende contribuir para o desenvolvimento teórico e metodológico em ambas as disciplinas, incentivando a exploração de novos temas e abordagens que considerem a linguagem em suas múltiplas dimensões.

Em suma, este artigo serve como um ponto de partida para futuras investigações, instigando pesquisadores a explorar as conexões entre a Ecolinguística e a ALE. Através da análise crítica e do desenvolvimento de novas metodologias, espera-se que este campo continue a evoluir, levando a *insights* valiosos tanto para a academia quanto para práticas concretas em contextos educacionais, ambientais e sociais.

### Referências

- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010
- BEZERRA, M. A.; REINALDO M. A. *Análise linguística: afinal a que se refere?* Recife: Editora Pipa Comunicação, 2020.
- COUTO, Hildo Honório do. *O tao da linguagem: um caminho suave para a redação*. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- COUTO, Hildo Honório do. A metodologia na linguística ecossistêmica. ECO-REBEL, v. 4, n. 2 p. 18-33, 2018. Disponível em: <https://ecoling.unb.br>
- COUTO, Hildo H. do; COUTO, Elza K. N. N. do; BORGES, Lorena A. de O. *Análise do discurso ecológica – (ADE)*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

## ECO-REBEL

COUTO, E. K. N. N. do; FERNANDES, Eliane M. da F. Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática. Brasília: PPGL/ UnB, 2021. Disponível em: <https://ecoling.unb.br>

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

COUTO, E. K. N. N. do; RAMADAN, M. I. B. *Análise do Discurso Ecossistêmica: teias e trilhas do ecossistema mental*. São Paulo: Pontes, 2024.

COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. Por uma análise do discurso ecológica. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n. 1, p. 82–104, 2015. Disponível em: <https://ecoling.unb.br>

COUTO, E. K. N. N. do; DO COUTO, Hildo Honório do. Ecolinguística, linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica (ADE). *Signótica*, v. 28, n. 2, p. 381-404, 2016.

COUTO, E. K. N. do. *Ecolinguística – Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

COUTO, H. H. do. A Metodologia na Linguística Ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018. Disponível em: <https://ecoling.unb.br>

COUTO, H. H. do. *Análise do discurso ecossistêmica – ADE. Árboles y Rizomas*, v. 2, n. 2, p. 1-14, 2020.

COUTO, H. H. do. Comunidade de fala revisitada. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 2, n. 2, p. 49–72, 2016. Disponível em: <https://ecoling.unb.br>

COUTO, H. Linguística Ecossistêmica. In: COUTO et.al. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

COUTO, H. H. do. Análise do Discurso Ecológica (ADE), 2013. Blog “Meio ambiente e linguagem”.

COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 9, n. 1, 1987.

FRANCHI, C. Linguagem - atividade constitutiva. *Revista do GEL*, vol. 1, n. 1, 2002.

FLICK, U. *Métodos de Pesquisa: introdução à Pesquisa Qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARNER, M. *Language: An ecological view*. Berna: Peter Lang, 2004.

GERALDI, J. W. et al. (orgs.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Editora Ática, 2011.

## ECO-REBEL

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (orgs.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAUGEN, Einar. Ecologia da linguagem. In: COUTO et al. (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem*. Goiânia: Edidora da UFG, p. 57-75, 2016.

LIMA, S. de A; SOUSA FILHO, S. M. de. *Fundamentos da Análise Linguística Enunciativa: Humboldt, Bakhtin, Franchi e a questão do estritamente linguístico*. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 15, n. 44, p. 559-586, 2023.

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: Elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

SIMÃO, D. *Hipóteses sobre a teoria franchiana da linguagem*. Tese de Doutorado em Estudos, Universidade Federal do Paraná, 2020.

Aceito em 13 de fevereiro de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 1, 2025.